



## A Etnografia no Jornalismo<sup>1</sup>

Mariza Carolina Sabino de Lima Venâncio<sup>2</sup>

Universidade Federal do Tocantins – TO

### Resumo

O artigo apresenta a relação entre Jornalismo e a Etnografia. Tem como objetivo levantar discussão acerca do ideal de um Jornalismo Etnográfico e chega à conclusão que, com a evolução do jornalismo e a busca por publicações cada vez mais especializadas, dedicadas aos diversos públicos, observa-se que jornalistas utilizam hoje traços da etnografia na captação e elaboração de textos diversos. Resgata também, conceitos e informações sobre cultura, além de apresentar conceitos de etnografia, narrativas literárias e etnográficas.

**Palavras-Chave:** Cultura; Etnografia; Jornalismo Etnográfico.

### Introdução

Atualmente, boa parte dos Portais de jornalismo apresenta informações de forma objetiva. No entanto, isso aparentemente impossibilita o leitor ampliar a sua capacidade de discussão e de fazer reflexões, uma vez que, as informações do tipo “*fast-food*”, ou seja, rápida e sucinta, constituíram-se como a tendência da contemporaneidade. As diversas mídias existentes na rede mundial de computadores, não apresentam o devido comprometimento com a sociedade, principalmente no que se refere à forma de apresentação e autenticidade dos fatos.

O presente artigo busca resgatar também conceitos intrínsecos acerca do ideal do Jornalismo Etnográfico que se diferencia do jornalismo convencional ou de investigação, que têm como premissa o sigilo à identidade do jornalista. A etnografia enquanto método considera os aspectos culturais e sociais dos indivíduos, que podem ser pesquisados ou interpretados a fim de obter, sob a ótica do etnógrafo, uma descrição

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social/ Jornalismo (UFT). E-mail: [sabino.mariza@gmail.com](mailto:sabino.mariza@gmail.com)



detalhada da vida dos mesmos. Concebe-se aqui a etnografia como uma coleção descritiva de informações formais e informais dos indivíduos relatados nos obituários.

A etnografia enquanto forma de estudar e entender a cultura de um povo nos remete à necessidade de compreender o processo de formação cultural. Dessa maneira, são apresentadas discussões relacionadas à cultura e dinamismo cultural, tendo em vista que não se pode tratar do objeto desta pesquisa sem prévio estudo da base cultural.

### **O dinamismo da cultura**

Embora ninguém conheça o sistema cultural em sua totalidade, é essencial que se conheça parte de sua cultura para poder efetivar as relações sociais entre os indivíduos. Não há homem totalmente socializado, mas são essas diferenças que permeiam os sistemas culturais quem permitem a mudança e evolução dos mesmos. Assim, não basta conhecer as diferenças entre os diferentes povos, mas é necessário visualizar também as diferenças dentro destes sistemas. Entretanto, a mudança cultural ocorre em razão de novas necessidades e acontecimentos.

São diversos os sistemas culturais existentes e cada um está inserido num processo contínuo de transformação. Para entender melhor a questão, torna-se necessário enxergar este processo de mudança por dois prismas: a mudança cultural interna e a mudança externa (LARAIA, 2001). A primeira resulta da dinâmica do próprio sistema. A segunda é fruto a relação entre os diversos sistemas culturais. Ao falar de mudança cultural interna, concebe-se um processo de transformação sutil, quase imperceptível. O ritmo depende da condução histórica e a alteração varia de acordo com a ocorrência de eventos naturais, sociais ou científicos. Este processo ocorre de forma lenta e em longo prazo.

Cabe lembrar que a cultura dispõe de um caráter seletivo e contínuo, que implica em constantes reformulações. Assim, o conhecimento é transmitido por meio de sucessivas gerações que difundem os diversos padrões comportamentais. Muitos desses valores são esquecidos com o passar do tempo, outros, por sua vez são fortalecidos. Este processo de seleção de valores acontece de forma natural e intuitiva sem que seja necessário qualquer tipo de indução.

De forma geral, a cultura tende a ser conservadora e dificilmente permite a inserção imediata de novos padrões, definindo assim, o comportamento humano. Por um lado, o homem cria a cultura, esta por sua vez o forma e condiciona a vida em sociedade. Na medida em que adquire os valores sociais, o homem aprende a dominar os impulsos e



reproduz o pensar cultural, estabelecido pelos costumes, tradições e objetos do meio (GEERTZ, 2001).

Atualmente o mundo globalizado impõe uma realidade cultural onde objetos são atrelados aos valores não somente por meio das interações culturais, na qual a tradição e utilidade dão lugar à valoração dos símbolos. Segundo Zafre (1990), os signos culturais estão intrínsecos no processo de investigação da comunicação. Para Santaella (2000), a relação existente entre comunicação e cultura é de identidade de funções, pois os fenômenos culturais só funcionam culturalmente em razão de serem fenômenos comunicativos. Este processo de comunicação permite assim, a formação das culturas populares.

Com o advento das inovações tecnológicas, o dinâmico processo de mudança cultural exigiu a adaptação aos novos padrões e meios de comunicação que permitissem maior interação social. As novas tecnologias passam a ter papel fundamental no processo sócio-comunicacional vigente da chamada Sociedade da Informação. Isto não quer dizer que houve a democratização do acesso à informação, apenas existe um número cada vez mais crescente de informações, além dos diversos meios de comunicação disponíveis. O surgimento dos meios de comunicação de massa e a velocidade da informação (ambos coexistindo em uma relação intrínseca) proporcionaram mudanças nas estruturas sociais. Tais transformações aconteceram tanto na forma das relações pessoais quanto profissionais, sócio-culturais e econômicas.

Velho (2009) destaca que a evolução da comunicação enquadra os processos comunicativos, que são vistos como ferramentas de construção e perpetuação da cultura enquanto bem, que determina a natureza social do homem. Assim, o jornalismo aponta-se como um desdobramento criado no seio da sociedade e, por séculos de desenvolvimento chegou a um nível de mediação quase soberano na cultura contemporânea. Igualmente, este meio de aporte cultural chega aos indivíduos por intermédio de diferentes práticas comunicativas. Estas práticas realizam um trabalho cultural, chamado de tecnocultura, cultura midiaticizada ou cultura da comunicação.

### **A etnografia**

No campo das ciências sociais e humanas, há diversas maneiras de se fazer pesquisa (TRAVANCAS, 2006). Na antropologia existe um método de pesquisa no trabalho de campo que será estudado para subsidiar o presente trabalho: a etnografia. Pode-se dizer que este método está primeiramente relacionado com a descoberta de significados. Em



particular, àqueles inerentes a um grupo específico e as práticas sociais dos mesmos. Assim, etnógrafo realiza o trabalho com um processo de imersão na vida, nas rotinas e nos rituais do ajuste social inerente ao objeto de estudo (CRAMER e MCDEVITT, 2004). Dessa forma,

[...] o antropólogo dedica-se a estudar seu objeto em um longo período de contato, seja por observação, contato direto ou entrevistas em profundidade, uso de um caderno de anotações de campo, possibilidade de convivência e participação nas atividades do grupo investigado. Em consequência, há uma inevitável troca intersubjetiva entre pesquisador e seu objeto. (FRANCISCATO, 2006, p. 7)

Segundo Peirano (1995), a característica básica da etnografia é a pesquisa de campo, a exemplo de outros fenômenos sociais, este método é, ao mesmo tempo, mito e evento histórico no traço do desenvolvimento da antropologia. Para a autora citada, a pesquisa de campo pode ser

Concebida como “método” por excelência da disciplina, como “rito de passagem” na formação dos especialistas ou, ainda, como meramente a “técnica” de coleta de dados, a pesquisa de campo é o procedimento básico da antropologia há um século. A forma como ela é vista hoje, isto é, como uma imersão no universo social e cosmológico do “outro”. (PEIRANO, 1995, p. 4)

A etnografia enquanto antropologia interpretativa é parte fundamental do trabalho de campo do pesquisador. Para Travancas (2006, p. 4),

E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período muito curto e sem preparo. É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar.

Esta corrente doutrinária tem como principal representante, o antropólogo norte-americano Clifford Geertz. Sua teoria acerca do fazer etnográfico, possui concretas similaridades em relação à proposta do jornalismo literário contemporâneo que tem como característica pautar-se pelo cotidiano.



Segundo Oliveira (1996), quando comparados com textos devotados a teoria social, os discursos etnográficos parecem ser mais singulares, principalmente pela articulação que ele busca fazer entre o trabalho de campo e a construção do texto. Segundo Teixeira (2010, p. 66), etnografia é a tentativa de descrever a cultura, ou seja, descrever os conhecimentos acumulados, os valores, os hábitos, costumes e tradições de vários grupos, em vários contextos sociais. Para o autor, o trabalho do etnógrafo “consiste em estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos e manter um diário”.

De qualquer forma, a etnografia exige um olhar criterioso na relação entre autor e objeto, pois o processo de imersão social, a princípio, parece violar o conceito de objetividade na construção dos textos. No processo de investigação etnográfica, há uma inevitável troca intersubjetiva entre pesquisador e objeto. É importante que o discurso jornalístico, neste sentido, seja capaz de apreender o real, sempre perpassadas pelas questões relativas ao que o jornalista deve observar. Para Franciscato (2006, p.7),

Se há dificuldades na apropriação do método antropológico por outras áreas do conhecimento - como pelos estudos de jornalismo (Lago, 2005) - sem a devida reflexão sobre os debates acerca de seu uso, transformar um método de pesquisa da ciência em um método de apuração jornalística produz uma impressão inicial de impossibilidade. Mesmo assim, um grupo de pesquisadores norte-americanos reuniu um conjunto de estudos no livro *Qualitative Research in Journalism* (2004) buscando discutir teórica e metodologicamente as vantagens da utilização dos métodos de pesquisa qualitativa na reportagem jornalística, além de apresentar exemplos de sua aplicação em jornais daquele país.

A observação está ligada às maneiras como se é visto o objeto de estudo no campo de investigação. Segundo Burgees (1997), o investigador deve procurar amenizar as diferenças que existem entre ele e os indivíduos que compõem o universo da pesquisa.

De acordo com Cardoso (1986, p. 103), a observação enquanto prática de pesquisa qualitativa exige “um investimento do observador na análise do próprio modo de olhar”.

A interpretação que se constrói não está isolada das condições em que se encontram pesquisador e o investigado. A coleta de informações não é apenas um momento de acumulação, pois o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação. A etnografia não é um simples conceito como imagina alguns redatores, esquema narrativo e métodos de observação estão muito próximos às práticas



jornalísticas há muito respeitadas. No entanto, torna-se necessário contemplar neste estudo alguns dilemas acerca da ética na relação das ciências sociais e do jornalismo.

Com base na etimologia da palavra, Andrew Carlin (2006) descreve que etnografia reside nos vocábulos gregos “*ethnos*” – povos e “*grapho*” – descrever, pode-se dizer que a tarefa básica do etnógrafo é descrever todos os aspectos relevantes da existência e da cultura de um povo, do sistema social, da opinião e das experiências coletivas. Quanto maior for o detalhamento feito pelo etnógrafo, maiores serão as possibilidades que o leitor dispõe de perceber os sentimentos, os valores, os desafios, os pensamentos e os objetivos de um indivíduo e o grupo social ao qual pertence. Assim, o etnógrafo agencia “fatos, situações, acontecimentos, personagens e dramas num todo ordenado [...] e transforma os acontecimentos em história” (ECKERT e ROCHA, 1998, p. 13).

Neste contexto, Hassen (2003, p.1) enfatiza que,

No princípio, a grande contribuição da antropologia ao estudo dos grupamentos humanos foi resgatar a alteridade do campo do inferior, do assustador, da maldição, do negativo. Iniciara-se a partir das contribuições da antropologia um lento processo de conscientização da importância da convivência e do respeito à diferença.

A partir do princípio de que a individualidade revela o coletivo, pode-se afirmar que efetuar o levantamento etnográfico de um indivíduo é expor também os valores das pessoas à sua volta. Finalmente, a etnografia como a exploração e investigação de um caso específico, conduz detalhadamente a uma análise que envolve a interpretação explícita dos significados e das funções de ações humanas (CRAMER e MCDEVITT, 2004 apud ATKINSON e HAMMERSLEY, 1994). Segundo os autores, esta interpretação explícita só é possível por meio do contato direto com o objeto estudado.

Considerada como uma abordagem da cultura, a etnografia tem se distinguido pelo estudo dos sistemas de classificação de “*folk*”, que são àqueles desenvolvidos pelos próprios membros da comunidade. Um exemplo disso entre nós é a classificação popular de alimentos fortes e fracos, isto é, a análise dos modelos construídos pelos membros da comunidade (LARAIA, 2001).

Martyn Hammersley (1990) afirma que enquanto método de investigação social, a etnografia comporta generalidades que buscam verificar o comportamento dos indivíduos por do próprio contexto habitual, o que descarta a construção de condições artificiais. É um olhar direto à socialização de um grupo, onde os dados são coletados de



diversas maneiras, sem planos detalhados, porém de forma sistêmica. Para o autor as informações obedecem a um critério tão inclusivo quanto possível e sua análise requer interpretação dos significados e das funções das ações humanas de maneira descritiva.

De acordo com ROCHA (1998, p. 10)

A posição interpretativa do antropólogo em relação a seu "objeto" de estudo reside não só na aceitação da conaturalidade de ambos; sendo "sujeito" humano como ele, o antropólogo encontra-se, ele próprio, sujeito em seus atos de consciência, através da linguagem, às formas simbólicas que presidem suas funções cognitivas. Ou seja, às diversas vias que o espírito humano segue em seu processo de objetivação no mundo.

Segundo Braga (2006, p. 4), “a técnica etnográfica foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o/a etnógrafo/a, que fazia da sua experiência uma fonte de dados”. Segundo Santana (2011), ela dispõe de três princípios essenciais. O primeiro destaca-se pelo interesse nas formas culturais, incluindo aí o cotidiano. O segundo elemento diz respeito à necessidade de se empregar uma observação participante em longo prazo, na qual o investigador é o principal instrumento de investigação. E, por fim, destacam-se os métodos diversos de reestruturação de dados. Segundo Hassen (2003, p.2), “[...] apenas pela ‘observação participante’ seria possível ao pesquisador conhecer o outro em profundidade”.

De acordo com Ercket e Rocha (1998),

Através da composição narrativa que retoma o tempo da ação "em campo", o antropólogo faz **coincidir as redes de relações** nas quais os atores/comunidades se movimentaram com as que registrou em seu diário de campo[...] (ERCKET e ROCHA, 1998, p.12 – p.13, grifo nosso).

Duarte (2005) referencia o pai da etnografia Malinowski, e destaca que a etnografia depende inteiramente da inspiração que oferecem os estudos teóricos. Ele pode participar na vida de um grupo de várias formas: como um participante completo, um participante como observador, um observador como participante, ou como um observador completo (CRAMER e MCDEVITT, 2004 apud ATKINSON e HAMMERSLEY, 1994).

Com base no livro de Joan Keyton (2001), Cramer e McDevitt (2004) destacam que o participante completo se coloca inteiramente como um membro do cenário, mas os



indivíduos não estão cientes do papel do etnógrafo. Este indivíduo se mistura ao contexto social, porém mantém-se invisível à coletividade. Dessa forma, não há nenhuma participação nas atividades de grupo pelo etnógrafo e nenhuma consciência da presença do mesmo pelo grupo que está sendo estudado. Este tipo de participação divide-se em duas subcategorias: por oportunidade, quando o investigador faz parte da situação que vai estudar; por conversão, no momento em que o participante torna-se o fenômeno a ser estudado (LAPASSADE, 2001).

Os autores afirmam ainda que no caso do participante como o observador, este reconhece o papel perante o grupo estudado interage na cultura ou nas atividades do mesmo, e não é situado no centro das atividades. Neste sentido, o investigador não assume um papel muito importante no contexto do estudo. O caráter periférico da implicação é o que indica sua origem, tendo em vista, que maior atuação poderá comprometer a capacidade de análise.

O observador como participante tem como objetivo fundamental a observação, mas com um papel secundário na participação. Com base no papel do participante/observador, a prática da etnografia envolve tipicamente o uso extensivo de notas do campo e pode adicionalmente incluir entrevistas com membros do grupo. Assim, é essencial ao investigador, manter certa distância do objeto.

Um período prolongado de imersão é exigido geralmente, embora os prazos específicos sejam dependentes da situação sob o estudo e outros fatores de limitação potenciais, tais como o dinheiro ou o acesso. Tipicamente, os dados são coletados durante diversos dias, mas em determinados casos, os etnógrafos devotaram anos a coletar informações. Isto por sua vez, pode acarretar em muitas visitas por parte do investigador ao campo estudado, para que o mesmo possa compreender inteiramente o porquê um grupo ou indivíduo faz o que faz, seja para compreender os pensamentos, os sentimentos ou as atitudes dos mesmos. De acordo Hassen (1993, p.2), “o etnólogo deve afirmar a identidade para encontrar as verdadeiras diferenças”.

Para Genzuk (1993), a etnografia se baseia na experiência pessoal e na participação do investigador. Ela envolve três formas básicas para coleta de dados, sendo: entrevistas, observação e documentos, que resultam numa descrição narrativa para se contar uma “história”. O autor afirma também, que o método etnográfico é composto por três princípios: naturalismo, compreensão e descoberta. Para o autor, o naturalismo busca compreender o comportamento humano por meio do contato direto, sem inferências.



O princípio da compreensão objetiva entender as perspectivas culturais nas quais as ações humanas se sustentam. Por fim, a descoberta é o princípio que define a investigação como um processo indutivo que não se limita ao teste de hipóteses explícitas. Para Sarmiento (2008, p. 78), “os documentos etnográficos utilizam a cultura popular, associada às “verdades” ideologicamente marcadas, para redefinir a situação do indivíduo[...]”.

### **A etnografia no jornalismo**

De acordo com Cramer e McDevitt (2004), a construção de discurso etnográfico desafia a compreensão dos jornalistas quanto à objetividade, a neutralidade e o contrapeso. No entanto, os autores afirmam que este dilema ético deve apelar ao compromisso dos profissionais no sentido de iluminar as questões estudadas e não obscurecer o retrato da vida cotidiana.

De fato, deve-se considerar a questão da ética neste processo de investigação etnográfica no jornalismo. Dessa forma, pode-se garantir a autenticidade dos relatos, desde que sejam repensados os relacionamentos entre os repórteres e as fontes. Isto porque, é necessário proteger sua objetividade. Assim, os jornalistas são incitados a manter alguma distância social e emocional entre os indivíduos ou grupos dos quais descrevem. Segundo Cramer e McDevitt (2004), uma vantagem dos relatos etnográficos é como este método retrata de maneira responsável as vidas e as culturas dos grupos que são marginalizados tipicamente com as práticas do jornalismo convencional. Assim, um relato responsável é aquele que representa um grupo social como ele é.

A verdade sobre qualquer indivíduo ou grupo social engloba além das fraquezas e vícios, o reconhecimento de valores, das aspirações e de sua humanidade comum. Esta verificação se torna necessária para que o grupo estudado possa dar credibilidade aos relatos descritos. Dessa forma, é possível revelar a verdade interna de cada grupo ou pessoa. Este é um conceito chave, porque a finalidade da etnografia é compreensão de um grupo por meio dos próprios termos.

Escrever um bom relato etnográfico significa que o repórter deve ser autoconsciente quanto às posições sociais, com relação aos indivíduos e aos grupos dos quais escreve. O contexto da ética, tão necessário à preservação das características, fatos e pensamentos estudados, exige a popularização, a divulgação intencional das fontes e naturalmente, o sigilo. Os jornalistas devem garantir a exatidão das informações, além de proteger as fontes, a fim de evitar possíveis danos que podem ocorrer após a



publicação do relato etnográfico. Assim, a verificação de fatos explícitos e incontestáveis se coloca como uma prescrição para o jornalismo etnográfico (CRAMER e MCDEVITT, 2004). Adotar este método como premissa, significa que o jornalista deve se despojar das rotinas jornalísticas convencionais.

### **Narrativas literárias e etnográficas**

De acordo com Frank Marcon (2009), escrever literatura ou etnografia é a realização de um exercício de tradução cultural. Em ambos os casos, autor ou cientista contam histórias, criam imagens, concebem simbolismos e desfiam figuras de linguagem. Para o autor citado, independente do estilo adotado, seja o discurso direto ou o indireto, em primeira ou terceira pessoa, o que os “escritores e etnógrafos realizam é um exercício de entrelaçamento entre a sua linguagem e a dos narradores e personagens (no caso do romance) ou dos informantes [...] no caso dos etnógrafos” (MARCON, 2009, p. 3).

Marcon (2009, apud AUERBACH, 1971), afirma que o autor coloca a questão do “ponto de vista” como uma característica peculiar da narrativa literária, mas presente na etnografia. Para ele, este é um estilo que finge não dominar a narração e cria assim, um contexto de dúvida e interrogação durante a narrativa. Geertz acredita que a escrita etnográfica é inerentemente literária (STOCKTON, 2002).

Perceber o “ponto de vista” da personagem ou de um biografado é fator preponderante no processo da construção etnográfica. De maneira Hassen (2003, p.6) afirma que,

[...] o método etnográfico, pelo qual se coletam dados com alto grau de detalhamento, produz-se o acesso a informações de diferentes ordens que vão do discurso mesmo do informante e da tentativa de captação do seu ponto de vista, ao cotejo com os fatos de que o pesquisador participa.

Segundo o Stockton (2002), a atividade principal deste método é relatar os fatos é a descrição social do indivíduo, porém modificado por novas concepções do discurso, do autor ou mesmo do texto. Dessa forma, observa-se que independente da legitimidade das informações e o contexto da objetividade da pesquisa, a literatura associada ao método etnográfico, possibilita a escrita de textos verdadeiramente artísticos, de cunho literário, sem perder a credibilidade exigida pela antropologia, como acontece também no jornalismo literário. Para Travancas (2006), um relato etnográfico estrutura-se essencialmente por meio de uma “descrição densa”. Segundo ao autor, a etnografia



depende do processo de interpretação para dar conta das estruturas significantes que estão relacionadas ao menor gesto humano.

Segundo Eckert e Rocha (1998),

[...] na etnografia realista ou modernista, a construção de uma etnografia segue três quesitos fundamentais: espaço, tempo e perspectiva ou voz. Três requisitos que dão conta das estratégias para estabelecer a presença analítica do etnógrafo na produção de seu texto: o diálogo adequado de conceitos analíticos (onde se privilegiam autobiografias, que melhor permitem avaliar as experiências históricas (‘arregadas na memória e que determinam a forma de movimentos sociais contemporâneos’), a bifocalidade e a justaposição crítica das possibilidades. (ECKERT e ROCHA, 1998, p. 16)

O paralelo entre jornalismo literário a etnografia não é uma nova descoberta. De acordo com Swasey (2009), muitas das melhores publicações refletem a abordagem etnográfica. Alguns estudiosos comparam os grandes jornalistas literários com cientistas sociais. Muitos pensadores observam similaridades entre os campos e tentam muitas vezes unir o trabalho da etnografia e do jornalismo como uma única vertente. De certa forma, as duas culturas estão próximas, existem linhas de pensamentos que descartam esta ideia, embora a antropologia possa beneficiar o jornalismo literário, assim como o jornalismo pode se beneficiar do uso de métodos antropológicos. Spradley (1979) expressa um grande desejo de uma escrita etnográfica mais requintada. O autor afirma que os antropólogos convencionais escrevem sem sentir a importância de comunicar.

O jornalismo etnográfico por sua vez, não se resume a um simples relato literário, trata-se de uma verdadeira impressão na realidade complexa de um grupo ou indivíduo. O foco parte não somente do contexto simbólico, mas revela um universo concreto, composto por pessoas concretas. De acordo com Eckert e Rocha (1998, p.3), “[...] o antropólogo, mais que outros cientistas sociais, valem-se da arte de composição para produzir nos estudos monográficos os ‘efeitos de realidade’”.

Afinal, o fazer etnográfico assemelha-se ao trabalho de um artesão, pois “[...] o antropólogo tem um prazer criador mais completo com o trabalho que os outros especialistas e, desde a matéria-prima ao produto acabado, conhece melhor a realidade com que lida” (HASSEN, 2003, p.2). Dessa forma, assim como no jornalismo literário, o jornalismo etnográfico dispõe de textos que falam de sujeitos, experiências individuais que envolvem a escrita sobre a ótica da coletividade, pois ambos exploram maneiras diferentes de escrever sobre o mundo real e pessoas reais (MARCON, 2009).



## Considerações

O processo de aculturação da humanidade está contido nas relações, comportamentos e atitudes do homem. Conhecimentos distintos são transmitidos de um indivíduo para o outro, em grande ou menor escala. Esta pluralidade cultural é o fator que eleva a humanidade ao patamar de ser pensante, construtor e delineador da própria história. Esta diversidade tem sido o ópio dos cientistas sociais que buscam identificar os padrões que sustentam os valores que compõem o etnocentrismo.

Estudos mais profundos em torno da cultura humana são oriundos de métodos científicos de observação participante. O surgimento de novos modelos e conceitos fez surgir o caráter dinâmico do relativismo cultural. Esta teoria determina um instrumento de análise e meio de produção de conhecimentos que, associados, produzem novos movimentos culturais. Fica clara a figura dos jornalistas como atores que coletam, interpretam e apresentam as informações de maneira objetiva, porém com liberdade para expressar um “ponto de vista” próprio. De qualquer maneira, é um estilo fascinante, mesclado de contornos e dicotomias.

## Referências

ATKINSON, P. & HAMMERSLEY, M. **Ethnography and participant observation**. In N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. p. 248-261.

AUERBACH, Eric. **Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BURGEES, Robert G. **A pesquisa de terreno: uma introdução**. Oeiras: Celta, 1997.

CARDOSO, Ruth. **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método**. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica – Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 95-105.

CARLIN, Andrew . “*Rose’s Gloss’*: *Considerations of Natural Sociology and Ethnography in Practice*.” *Qualitative Sociology Review*, Vol. II Issue 3, 2006.

CRAMER, Janet; MCDEVITT, Michael. **Ethnographic Journalism**. In: IORIO, Sharon (ed.) **Qualitative Research in Journalism**. Mahwah (USA): Lawrence Erlbaum Associates, 2004, p. 127-143.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. DUARTE, Jorge, BARROS, Antonio. São Paulo: Atlas, 2005.



ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica.** Revista de Antropologia. São Paulo. V. 41, nº 2. 1998. p. 107 – 135.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Jornalismo, ciência e senso comum:** contribuições do método científico para a reportagem jornalística. *Pauta Geral*, Florianópolis, n. 8, 2006, p. 79-95.

GEERTZ, C. J. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GENZUK, Michael. *A Synthesis of Ethnographic Research. Occasional Papers Series. Center for Multilingual, Multicultural Research (Eds.). Center for Multilingual, Multicultural Research, Rossier School of Education. Los Angeles: University of Southern California.* 1993

HAMMERSLEY, Martyn. *Reading Ethnographic Research: A Critical Guide.* London: Longman. 1990.

HASSEN, Maria de Nazaré Agra. **Etnografia:** noções que ajudam o diálogo entre antropologia e educação. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2003.

KEYTON, Joann. *Communication research: Asking questions, finding answers.* Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company. 2001

LAPASSADE, Georges. *L' observation participante.* Revista Européia de Etnografia da Educação. nº 1. 2001, p. 9 – 26.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** Um Conceito Antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARCON, Frank. **Narrativas Literárias e Etnográficas:** convergências teóricas e possibilidades metodológicas nos estudos. Seminário de estudos culturais, identidade e relações interétnicas. UFS. Agosto, 2009.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso:** aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea: Estudos Neolatinos. Julho-dezembro, ano/vol. 7, n. 2. Universidade do Rio de Janeiro. 2005, p. 305-322.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias.** 2ª ed. São Paulo: Experimento, 2000. p. 29.

SANTANA, Adriana Maria de Andrade de. **Jornalismo possível, ‘cordialidade e investigação:** a prática jornalística no contexto contemporâneo. Olinda: Livro Rápido. 2011. 454p.

SARMENTO, Clara. **A construção do Texto etnográfico:** fontes documentais sobre a cultura portuguesa. In: Revista Territórios e Fronteiras. v. 1, nº 2. Julho/dezembro 2008.

SPRADLEY, James. *The ethnographic interview.* New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

STOCKTON, Sharon. *The Multiple Discourses of Anthropology - Ethnographic Reportage, Theoretical Critiques, and Classroom Pedagogy. American Behavioral Scientist.* Vol. 45 No. 7, March 2002. p. 1103-1124.



SWASEY, Christel Lane. *Ethnographic Literary Journalism*. Thesis submitted to the faculty of Brigham Young University. 392 f. Brigham Young University. Department of Communications. 2009.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: BARROS, A. e DUARTE, J. (Orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 98-109.

TEIXEIRA, Carlos Henrique. **As tessituras do movimento**: dança, tribalismo e imaginário no cotidiano de um grupo de alunos de uma escola pública de Araraquara. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2010.

VELHO, Ana Paula. M. . **O jornalismo como texto da cultura**: uma história completa. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2009.

ZAFFORE, Jorge. *“Mediante la comunicación el ser humano desenvuelve, acumula y transmite la cultura....” La comunicación masiva*. Buenos Aires: Depalma, 1990. p. 2.